

CASA DE AVÓS: CRONOTOPOS DE INFÂNCIAS EM NARRATIVAS DE CRIANÇAS E ADULTOS

GRANDPARENTS'S HOUSE: CHRONOTOPES OF CHILDHOOD IN NARRATIVES OF CHILDREN AND ADULTS

 <https://orcid.org/0000-0003-0386-1079> Liana Garcia Castro^A

^A Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Recebido em: 20 ago. 2022 | **Aceito em:** 29 set. 2022

Correspondência: Liana Garcia Castro (lianagarciaastro@gmail.com)

Resumo

Este artigo tem como objetivo refletir sobre espaço, tempo e infância a partir de narrativas de crianças e adultos sobre a casa das/os avós, ouvidas em uma pesquisa de doutorado em educação, que analisou sentidos construídos sobre infância em narrativas de avós/avôs e netas/os. Para além de um estudo sobre a relação entre avós/avôs e netas/os, a busca foi por, a partir de fragmentos das histórias narradas pelas/os participantes, tecer sentidos que contribuam para reflexões filosóficas e antropológicas sobre infância e nossos modos de viver. A indissociabilidade entre espaço e tempo é pensada a partir do conceito de cronotopo, desenvolvido pelo filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin. Nas análises, são observados vestígios do espaço no tempo e vestígios do tempo no espaço: o lugar de estar em liberdade, o tempo de se abrir para mudanças na casa, as possibilidades de transgressão, os objetos antigos e contemporâneos, a vida vivida em outra temporalidade. Passado, presente e futuro se fundem em encontros intergeracionais que, ao serem narrados, expressam valores e visões de mundo, em que a brincadeira ganha destaque.¹

Palavras-chave: Infância; Avós e netos; Cronotopo; Espaço; Tempo.

Abstract

This article aims to reflect on space, time and childhood from the narratives of children and adults about grandparents' house, heard in a doctoral research in education, that analyzed meanings formulated about childhood in the narratives of grandparents and grandchildren. In addition to a study about the relationship between grandparents and grandchildren, the search was for, from fragments of the stories narrated by the participants, to weave meanings that contribute to philosophical and anthropological reflections on childhood and our ways of living. The inseparability between space and time is thought from concept of chronotope, developed by the philosopher of language Mikhail Bakhtin. In the analyses, traces of space in time and traces of time in space are observed: the place of being in freedom, the time to open up to changes in house, the possibilities of transgression, ancient and contemporary objects, the life lived in another temporality. Past, present and future merge in intergenerational encounters that, when narrated, express values and worldviews, in which play gains prominence.

Keywords: Childhood; Grandparents and grandchildren; Chronotope; Space; Time.



Introdução

*Podes correr à vontade
Pelos corredores da casa
Porque o tempo que é veloz
Conosco nunca se atrasa
José Jorge Letria*

Tempo que passa, tal como uma criança que corre. Tempo vivido num espaço de liberdade, de brincadeiras, muitas brincadeiras. Espaço onde a infância não é interditada, onde é possível experimentar, pois opera no tempo de brincar. Para crianças e adultos participantes de uma pesquisa de doutorado, a casa das avós e dos avôs aparece como elemento marcante: os adultos lembram da casa das/os próprias/os avós/avôs e falam sobre suas casas; os netos contam o que costumam fazer na casa de suas avós e seus avôs.

Este artigo tem como objetivo refletir sobre espaço, tempo e infância a partir de narrativas de crianças e adultos sobre a casa das/os avós, ouvidas em uma pesquisa de doutorado em educação, realizada entre os anos de 2018 e 2021. No estudo desenvolvido a partir dessa pesquisa, foram analisados sentidos construídos sobre infância em narrativas de avós/avôs e netas/os. Para além do levantamento e da análise sobre a relação entre avós/avôs e netas/os, a busca foi por, a partir de fragmentos das histórias narradas pelas/os participantes, tecer sentidos que contribuam para reflexões filosóficas e antropológicas sobre infância e nossos modos de viver.

O texto está organizado em quatro partes, incluindo esta introdução. A primeira apresenta a pesquisa (principais questões, metodologia, participantes). Na segunda, a indissociabilidade entre espaço e tempo é pensada a partir do conceito de cronotopo, desenvolvido pelo filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin. A terceira expõe as análises das narrativas das/os participantes sobre casa de avós, organizada em cinco subseções: liberdade, transgressão, mudança; deslocamentos; estar junto; brinquedos de avó/avô, brinquedo de neta/o; brincar, brincar, brincar. Na quarta, são tecidas as considerações finais.

Sobre a pesquisa

A pesquisa analisada neste artigo focalizou a infância nessa relação intergeracional, contemplando a perspectiva de avós/avôs e netas/os. Infância, nesse trabalho, não é compreendida apenas como etapa da vida, mas também como dimensão humana, que pode nos atravessar em qualquer idade. A pesquisa investigou se e como a relação entre avós/avôs e netas/os fortemente vinculados é potente para reanimar infâncias em adultos e crianças.

O que as avós e os avôs narram sobre suas infâncias? O que as crianças narram sobre suas infâncias? O que as avós e os avôs dizem sobre ser criança na contemporaneidade? O que as crianças sabem sobre as infâncias de suas avós e seus avôs? O que partilham avós/avôs e netas/os? Que memórias avós/avôs e netas/os narram sobre o tempo que passam juntos? O que fazem juntos? O que aprendem uns com os outros?

Para responder a essas indagações, a pesquisa ouviu sete avós e três avôs, entre cinquenta e um anos e setenta e um anos de idade, habitantes das cidades do Rio de Janeiro e de Niterói, em entrevistas individuais. Seis crianças de cinco a doze anos de idade, netas/os dos adultos participantes, foram ouvidas em uma conversa coletiva. O trabalho de campo foi realizado no ano de 2020, primeiro ano de pandemia da Covid-19. Por esse motivo, os encontros ocorreram por meios digitais (plataforma *Zoom*). Todas as conversas foram transcritas para análise.

O critério para escolha dos participantes foi o de familiaridade. Embora tenha sido intenção inicial da pesquisa contemplar uma variedade de extratos sociais, o contexto de pandemia impossibilitou que pessoas, cujo acesso à internet não permitia manter estavelmente chamada de vídeo, pudessem participar. Ainda assim, foram ouvidas moradoras/es de diferentes regiões da cidade do Rio de Janeiro (Zona Central, Zona Norte, Zona Oeste e Zona Sul) e de Niterói (Região Oceânica), com ocupações profissionais (dona de casa, médica, professor universitário, diretora de escola, profissional do comércio...) e níveis de escolaridade diversos.

Com as contribuições da antropologia, em especial de Tim Ingold (2019, 2020), a metodologia consistiu, principalmente, em compartilhar presença, importar-se, deixar-se afetar e aprender, em especial com aquelas/es, que, na sociedade contemporânea, nem sempre são ouvidos: pessoas de pouca e de muita idade. Para além de uma pesquisa *sobre* avós/avôs e netas/os, buscou-se realizar uma pesquisa *com* pessoas. Mais do que coletar “dados”, a busca

foi por colocar-se em estado de atenção, e construir com as e os participantes da pesquisa, a partir do que elas e eles estiveram dispostas/os a dar.

A partir de cada pedaço de vida narrada, o trabalho procurou pensar a infância, as relações humanas, os nossos modos de viver e de entender a vida. Partiu da compreensão de que avós, avôs, netas e netos são pessoas e, como tais, produtos e produtores de cultura, que, ao contarem suas histórias, contribuem com reflexões sobre questões coletivas mais amplas. Com base em Benjamin (1984), buscou-se enxergar a totalidade na singularidade, apresentando um mosaico de fragmentos de memórias, que extrapolam seus contextos.

Sobre o conceito de cronotopo em Bakhtin

Nos relatos de situações em casa de vó ou vô, tempo e espaço se entrelaçam e aparecem como dimensões indissociáveis. Esse entrelaçamento entre tempo e espaço remete ao conceito de cronotopo, formulado por Bakhtin. Para o autor, é a indissociabilidade entre tempo e espaço nas narrativas, em especial no gênero romance, que gera o significado: “Qualquer intervenção na esfera dos significados só se realiza através da porta dos cronotopos” (BAKHTIN, 2014, p. 362).

À interligação fundamental das relações temporais e espaciais, artisticamente assimiladas em literatura chamaremos *cronotopo* (que significa “tempo-espaço”). Esse termo é empregado nas ciências matemáticas e foi introduzido e fundamentado com base na teoria da relatividade (Einstein). Não é importante para nós esse sentido específico que ele tem na teoria da relatividade, assim como o transportaremos daqui para a crítica literária quase como uma metáfora (quase mas não totalmente); nele é importante a expressão de insolubilidade de espaço e de tempo (tempo como quarta dimensão do espaço). Entendemos o cronotopo como uma categoria conteudístico-formal da literatura. (BAKHTIN, 2014, p. 211).

Esse conceito, ressignificado para o campo literário por Bakhtin, focaliza os diversos cronotopos instaurados no romance, que remetem ao tempo-espaço onde se realizam os acontecimentos e as transformações que afetam as personagens dos romances. Ao tratar dos cronotopos nas obras do escritor russo Dostoiévsky, observa que

[...] os cronotopos da estrada, da antessala, do corredor, que lhes são contíguos, e também os cronotopos da rua e da praça, que lhes seguem, são os principais lugares da ação nas suas obras, são os lugares onde se realizam os acontecimentos das crises, das quedas, das ressurreições, dos renascimentos, das clarividências, das decisões que determinam toda uma vida. (BAKHTIN, 2014, p. 354).

Em artigo sobre as obras do romancista e filósofo alemão Goethe, Bakhtin enfatiza a possibilidade de leitura dos indícios do curso do tempo no espaço até em conceitos abstratos:

A capacidade de ver o tempo no todo espacial do mundo e, por outro lado, de perceber o preenchimento do espaço não como um fundo imóvel e um dado acabado de uma vez por todas mas como um todo em formação, como acontecimento; é a capacidade de ler os indícios do curso do tempo em tudo, começando pela natureza e terminando pelas regras e ideias humanas (até conceitos abstratos). (BAKHTIN, 2011, p. 255)

É nesse sentido que, para Amorim (2006), o cronotopo, em Bakhtin, está relacionado aos gêneros e às suas trajetórias, revelando uma concepção de ser humano.

Os gêneros são formas coletivas típicas, que encerram temporalidades típicas e assim, consequentemente, visões típicas do homem. [...] no trabalho de análise dos discursos e da cultura, quando conseguimos identificar o cronotopo de uma determinada produção discursiva, poderemos dele inferir uma determinada visão de homem. (AMORIM, 2006, p. 105-106).

A aproximação do conceito de cronotopo para a análise das narrativas das e dos participantes desta pesquisa parece profícua, sobretudo, quando os relatos se referem à casa onde viveram e vivem suas infâncias (ou onde suas infâncias vivem). Avós/avôs e netas/os compartilham esse espaço num determinado tempo e se transformam mutuamente nesse determinado espaço, que carrega vestígios de outros tempos, que são também ressignificados pelas gerações mais novas. A partir das narrativas, pode-se inferir, ainda, concepções de infância e tempo, fundamentadas em valores e visões de mundo, de sociedade, de ser humano. Desse modo, as narrativas são apresentadas buscando “enxergar os espaços no tempo, mas também o tempo nos espaços” (QUEIROZ, 2017, p. 270).

Casa de avós: espaço-tempo de infâncias

Liberdade, transgressão, mudança

Começemos pelas lembranças de um avô sobre a casa dos próprios avós:

A casa da infância era essa casa, lugar onde a gente brincava. Por trás da casa tinha um lugar que ficavam cavalos. O nome de um cavalo era Tom, um cavalo branco. Nós nos divertíamos um bocadinho lá. [...] Nós brincávamos, havia muito espaço, jogávamos muito futebol. A gente andava muito pelo rio, a gente pescava nesse rio, e nós ocupávamos nosso dia correndo, tomando banho no rio, jogando futebol... Não havia uma supervisão de adultos. Era um lugar tranquilo. A minha mãe, que faleceu tem cerca de quatro meses, foi professora naquela região; então nós éramos os filhos da

dona Luiza. Éramos cuidados pelas pessoas da comunidade, todo mundo conhecia a gente. Tínhamos uma liberdade enorme naquela região. (João, Entrev., 04/06/2020)ⁱⁱ

Morador, quando criança, da cidade de São Gonçalo, na região metropolitana do estado do Rio de Janeiro, João passava as férias na casa de seus avós. “A casa da infância”, segundo ele, era um lugar de brincar, de estar em liberdade, sem a supervisão (interventora?) de adultos. Ainda que transitassem sem a companhia de adultos, a localização da casa – em área rural do município de Macaé, no estado do Rio de Janeiro –, além do reconhecimento do trabalho de sua mãe na região, fazia com que ele e seus irmãos fossem cuidados e mantidos em segurança por pessoas da localidade. Essa distinção entre ambientes, rural e urbano, segundo Ramos (2011, 2014),ⁱⁱⁱ potencializa as experiências na casa dos avós.

As práticas culturais de outros tempos, relacionadas à localidade e ao seu entorno, também são relatadas por João.

Nessa casa tínhamos fogão à lenha. Por trás dessa casa passava, mais uns 100m, um rio. Hoje mudou um pouco, fizeram uma rua, mas naquele formato da época, saíamos por trás da casa, andávamos um pouco e íamos tomar banho de rio. [...] Era do lado do cemitério. É muito interessante essa questão do cemitério porque eu chupei muita tangerina do cemitério. Eu não tinha nenhum problema com o cemitério. (João, Entrev. 04/06/2020)

João, quando fala dos avós, fala da casa; quando fala da casa, fala de quem morava na casa também identificando-os como um lugar de refúgio...

O meu avô era uma pessoa muito fechada. Ele se parece muito – você é muito jovem, talvez não se lembre – com aqueles velhos do faroeste: cabelo tipo de algodão e olhos azuis, olhos da [minha filha], talvez um pouco mais claros. Ele era uma pessoa que falava pouco, mas a gente tinha essa ideia de um lugar de segurança. Há uma relação afetiva com o lugar, com o espaço... Na infância, nós estivemos lá várias vezes, e eu acho que é isso: meus avós maternos têm esse lugar de refúgio, eu lembro deles dessa forma. (João, Entrev., 2020)

Cecília, quando fala de sua casa, um apartamento onde mora com os dois filhos, a filha e o neto, conta que, mesmo não sendo um espaço amplo, é um lugar de brincadeira, onde se pode correr e até plantar no meio da sala.

A gente brinca muito de carrinho, joga bola. Eu tenho uma cesta, porque eu fazia trabalho corporal com crianças, então eu tenho um monte de bolinha pequeninha de borracha. E ele joga as bolinhas, e eu jogo as bolinhas... Corremos pela casa... (Cecília)

Eu peguei um vaso enorme e falei para plantarmos chuchu e inhame que estavam nascendo. Joguei aquela terra toda no chão e coloquei uma foto no grupo da família.

E o meu irmão: "Isso é terra?" Eu disse: "É, casa de vó é outra coisa!" (risos) Quem vai colocar terra no meio da sala? (Cecília, Entrev., 19/05/2020)

Para Lins de Barros (1987, p. 125), “não são apenas os avós que se voltam totalmente aos netos: é todo o espaço da casa que é submetido a uma quebra de limites”. A frequência com que as/os netas/os vão à casa das avós e dos avôs marcam as adaptações realizadas por estas e estes para atender às necessidades das crianças. “A distribuição dos cômodos prevê, normalmente, um espaço para os netos, caso eles venham dormir ou passar alguns dias com os avós. Esse espaço, nem sempre específico para esse fim, transforma-se com a chegada dos netos” (Ibidem, p. 23).

Cecília, a única dentre as e os participantes que mora com o neto, contou que todo o espaço da casa foi reorganizado para receber seu neto e sua filha. Durante a nossa conversa, mostrou, pela tela, um cantinho dentro do próprio quarto organizado com tapete e brinquedos para o neto de dois anos de idade. Já as crianças, que frequentam a casa das avós e dos avôs no final de semana, para os pais trabalharem, nos finais de semana ou nas férias, relataram que têm espaços reservados para dormir.

Diego: Dormi, muitas vezes, na casa da minha avó.

Jonas: Eu dormi na casa da minha avó.

Pesquisadora: E você gosta de dormir lá, Jonas?

Jonas: Sim.

Pesquisadora: E você dorme na cama da sua avó ou em outro lugar?

Jonas: Eu durmo na minha cama.

Pesquisadora: Você tem uma cama lá? *Jonas balança a cabeça em sinal afirmativo.*

Jonas: Sim, eu e meu primo e minha prima também.

(Entrev. Coletiva, 05/12/2020)

Deslocamentos

A distância de suas casas para a casa das avós e dos avôs também é um aspecto destacado pelas crianças.

Luan: Minha avó mora com a irmã dela, com a filha e com as minhas primas. É um pouquinho longe [da minha casa]. Um pouco, dá para ir a pé. Mas cansa as pernas.

Bento: Meu avô mora perto, eu quase sempre vou na casa do meu avô e da minha avó. / Jonas: E toda hora eu vou para a casa da minha avó e o meu avô me leva para a casa do meu primo. / Pesquisadora: O seu avô te leva à casa do seu primo e você vai toda hora? / Bento: Fica indo e voltando para casa, indo de um lugar para o outro e voltando para casa. Vai e volta, vai e volta...

Fernando: Fui na casa da minha vó em 2019.

(Entrev. Coletiva, 05/12/2020)

Luan e os primos Bento e Jonas moram em bairros vizinhos de seus avós. Quando identificam onde seus avós moram, a distância é marcada pelo tempo: anda-se por tanto tempo que “cansa as pernas” ou é perto o suficiente que dá para ir e voltar, “toda hora”. Já Fernando, que mora em outro estado – ele, em Brasília, e a avó, no Rio de Janeiro – destaca há quanto tempo não vai à casa da sua avó.

O deslocamento dos netos para a casa das avós e dos avôs é analisado por Ramos (2011, 2014), em sua pesquisa, observando como as crianças constroem suas noções de tempo e espaço em trajetos na cidade ou entre cidades. Através de mapas afetivos, os netos e as netas participantes da pesquisa apontam aspectos que impactam essas construções, como distância, meio de transporte utilizado, repetição dos trajetos. A autora conclui que “os mapas mostram trajetos dinâmicos tecidos na intensidade e na densidade das relações, nos modos como avós e netos afetam e são afetados, constituindo o si e o outro reciprocamente” (RAMOS, 2014, p. 805).

A distância, para alguns netos participantes desta pesquisa, parece ter ficado maior durante a pandemia. Diego, ainda que more na mesma cidade de sua avó e seu avô, expressou como o isolamento marca o modo como ele experimenta o tempo: “Parece que está um tédio. Eu fico com muito tédio quando não visito os meus avós”.

Estar junto

Mesmo não indo visitar seus avós há meses, os espaços da casa são narrados com detalhes por Diego:

Diego: Tem um monte de coisa lá na casa da minha avó. Tem uma cozinha, uma sala, uma mesa de jantar, corredor que leva até o quarto, tem um quarto onde o meu tio está porque ele quebrou a perna, tem uma varanda enorme com uma árvore enorme que cabe lá. E tem uma jaula onde eu coloco a mão e onde eu vejo os carros lá embaixo.

Pesquisadora: Uma grade?

Diego: Tipo uma grade.

Pesquisadora: Na janela?

Diego: Na janela. E é nessa varanda que ele coloca comida para os beija-flores virem. A gente já tentou espionar um comendo. Por que você faria isso?

(Entrev. Coletiva, 05/12/2020)

A narrativa de Diego fala sobre o que as crianças fazem na casa das avós e dos avôs. Espionar o beija-flor comendo parece ser um interesse compartilhado por Diego e seu avô João. Já Luan conta que fica sentado na calçada com sua avó:

Luan: A gente só fica vendo a rua mesmo.
Pesquisadora: O que vocês veem na rua?
Luan: A gente vê as pessoas.
Pesquisadora: Ah, as pessoas passando na rua.
Luan: Sim.
Pesquisadora: Vocês ficam comentando sobre as pessoas?
Luan: Não, a gente só fica vendo e olhando as pessoas no ar livre.
(Entrev. Coletiva, 05/12/2020)

Essas práticas das gerações mais velhas, como colocar comida para os passarinhos ou sentar na calçada para ver as pessoas passarem na rua, talvez não fossem experimentadas pelas crianças se não frequentassem a casa de suas avós e seus avôs. Essas práticas que se dão em temporalidades menos aligeiradas, também são proporcionadas pela presença de objetos de outros tempos.

Eu apresentei a vitrola para ele. Aqui tem uma vitrola que tem duzentos e oitenta e cinco anos mais ou menos. Então ela funciona muito mal. Mas eu resolvi que eu queria ouvir disco e coloquei. Nossa, ele ficou encantado com aquele negócio rodando! E era: "A música, a música!" Toda hora ele falava: "Mai munia!", que era "mais música". E tem 3 dias que nós ouvimos disco. Já arrumamos os discos em ordem alfabética. Ele participa de tudo, me ajuda o tempo todo. Agora, ele está encantado pela música; liguei o rádio e ele fica mexendo no rádio... (Cecília, Entrev., 19/05/2020)

Estar junto, assim, favorece processos de trocas e de co-educação de gerações. Em pesquisa com crianças cuidadas por avós e avôs de classes populares, Oliveira (1998, n.p.) observou que esse processo "supõe da parte dos que estão envolvidos predisposição para aceitar as peculiaridades que a diversidade de tempos sociais imprime na formação de cada qual". Envolve, muito mais do que tolerância, "a busca de relações igualitárias, acatando (e nunca abolindo) as diferenças, pois, é por meio delas que se renovam as possibilidades de modificação recíproca dos sujeitos" (Ibidem, n.p.).

Brinquedo de avó/avô, brinquedo de neta/o

Os objetos trazem vestígios do tempo. Dentre eles, os brinquedos também ganham destaque nas narrativas:

Eu tenho coisas de quando eu era criança e a gente brinca com os meus brinquedos de quando eu era criança. Tem os livros, a Susi, o Beto... Tem uns bonecos que eram meus, duas bonecas, uma bonequinha de pano... Ele gosta, e eu deixo mexer em tudo. (Cecília, Entrev. 19/05/2020)

Porto (2010), ao mergulhar em suas memórias e analisar fotografias suas e de seus familiares, observa que as infâncias das gerações anteriores constituíram sua cultura lúdica. Para Brougère (1998, n.p.), “a criança adquire, constrói sua cultura lúdica brincando. É o conjunto de sua experiência lúdica acumulada, começando pelas primeiras brincadeiras de bebê, evocadas anteriormente, que constitui sua cultura lúdica”. Desse modo, a presença de brinquedos na casa das avós e dos avôs favorece a construção, por parte das/os netas/os, de suas culturas lúdicas, transmitidas pelas gerações mais velhas e ressignificadas pelas crianças.

Na casa das avós e dos avôs, brinquedos contemporâneos misturam-se a brinquedos de outras épocas – da infância de suas/seus avós/avôs ou de seus pais. As crianças também falam sobre alguns brinquedos do “seu tempo”:

Fernando: Teve uma vez que eu e o Pablo brincamos de *Nerf* e saímos machucados.
Pablo: Arco e Flecha.
Pesquisadora: Como é essa brincadeira? Vocês têm arco e flecha?
Fernando: Eu não tenho, mas eu tenho uma coisa. *Ele se levanta e sai para pegar.*
Fernando: Aqui... *A câmera dele é desligada.*
Pesquisadora: “Cadê você? Você sumiu para a gente. Veja se você fechou a câmera.”
Fernando: Eu fechei, é que eu estou tentando tirar isso daqui. *Fernando tenta se arrumar e, em seguida, diz:* Está bom, vai ser assim mesmo. *Ele mostra seu brinquedo, e eu pergunto o que é.*
Diego e Fernando respondem juntos: Uma *Nerf*!
Diego explica: É uma arma que atira muita bala assim: tá tá tá tá. Só não pode mirar no olho, senão machuca.
Pesquisadora: Entendi, eu estou muito desatualizada. Eu nem sabia que existia uma *Nerf*. *Nerf*: Falei certo?
Diego: Sim.^{iv}
(Entrev. Coletiva, 05/12/2020)

Sobre essa troca entre gerações, percebe-se, na narrativa de Carlos, sua intenção de apresentar aos netos e às netas objetos que eles tenham pouca oportunidade de conhecer, o que ele chama de “brinquedo de casa de avô”:

Eu comprei binóculo; cheguei à conclusão que as crianças gostam de binóculo e comprei um. Eles estão entrando na idade que eles vão curtir. É essa coisa de ter o brinquedo diferente, de ter a coleção de carrinho, de ter o binóculo, eu vou inventar, daqui a pouco terei microscópio aqui em casa, vou ter um monte de coisa que chame a atenção, coisas que eu acho que as crianças gostam: balança com pesinho para medir quantos pesos... Sabe esse negócio? Brinquedo de casa de avô. Vou comprar um globo... Brinquedo de casa de avô, na minha concepção, tem que ser umas coisas diferentes, que tenha muito *status* e que só tenha na casa do vovô. Ter um brinquedo que já tem na casa dele? (Carlos, Entrev., 28/10/2020)

O caráter de novidade, na narrativa de Carlos, não significa algo produzido recentemente, algo “novo”. O novo e o velho são ressignificados nessa relação entre avós/avôs e netas/os, sobretudo quando o propósito é brincar, motivado pela própria relação. E assim como as avós e os avôs apresentam brinquedos às netas e aos netos, as crianças mobilizam interesse por brinquedos contemporâneos por parte dos mais velhos, num processo de troca, de alteração recíproca.

Eu resolvi fazer uma coleção de carrinhos. As crianças vêm aqui... E você acha que os carrinhos são fáceis de pegar? São coisa nenhuma. Eu guardo, numa caixa, no alto do armário, e eles têm que falar assim: "Vovô, eu quero brincar com os seus carrinhos". Eu pego os carrinhos, faço charme, tiro os carrinhos com todo cuidado, recolho no final; não vão deixar meus carrinhos jogados, pô. Eu comprei uns carrinhos pequeninhos, *Hot Wheels*. [Meu neto, de três anos] veio aqui em casa, olhou para os meus *Hot Wheels* e queria levar: "A coleção é do vovô. Os carrinhos são de quem? Do vovô. Não vai levar não porque os brinquedos são daqui de casa, não é?" Ele não levou e encheu o saco das mães na outra ponta, e as mães compraram. Compraram os carrinhos e compraram o estojo de carrinhos. Preencheu com cinco, que vem no pacote, mas eram uns quinze buracos para serem preenchidos. Ele veio aqui e falou assim: "Vovô, me dá um carrinho para a minha caixa?" Ele trouxe a caixa. Eu disse: "Dou, vou dar um para você e um para a [minha neta, irmã gêmea]". Eu tenho que dar igual para cada um, embora ela não estivesse tão ligada; se o irmão dela ganhasse e ela não ganhasse... Ela foi lá e pegou o vermelho. "E você, [meu neto], qual carrinho você quer?", "Eu quero esse e também quero esse". E pegou, eu fiquei sem carrinho nenhum daquela coleção, eles levaram tudo. Ele me roubou os carrinhos todos. (Carlos, Entrev., 28/10/2020)^v

Como objetos da cultura, os brinquedos falam de uma época, de um tempo. Benjamin (2002), no livro “Reflexões sobre os brinquedos, a criança e a educação”, observa um processo de massificação e homogeneização dos brinquedos, apontado por ele como próprio do capitalismo, que apaga as singularidades. Entretanto, na troca de brinquedos entre Carlos e seus netos e suas netas, mesmo os *Hot Wheels*, carrinhos industrializados produzidos em massa, parecem ganhar singularidade pela história familiar tecida entre adultos e crianças.

Brincar, brincar, brincar

A casa das avós e dos avôs aparece, assim, como um espaço-tempo de troca entre gerações e de muitas brincadeiras:

[Minhas netas] ficam brincando, porque a casa tem um espaço razoável que dá para elas brincarem. Elas brincam juntas, ficam balançando na rede, zoando com a cachorra. Aqui é próximo de uma vila, elas ficam brincando na vila. Jogam bola na casa dos outros; a bola já caiu na casa da moça e eu tive que pegar. [...] Elas brincam muito, as duas juntas e com os meninos lá onde elas moram. Mas aqui em casa, a gente tenta interagir todo mundo junto, porque geralmente quando elas vêm aqui, o [meu neto mais novo] também está; aí interagimos todos juntos. Brincadeira de

esconder, aqui dá para esconder na parte de cima, brincamos com os brinquedos que a [minha filha] traz, balançamos na rede... (Gilberto, Entrev., 04/12/2020)

Embora considerado, nas sociedades ocidentais, como irrelevante e de pouco valor (Borba, 2007), o brincar está presente nas suas mais variadas formas quando avós/avôs e netos narram o que fazem juntos, na casa ou em seu entorno. Em destaque, as falas das crianças:

Diego: Eu brinco de bola, pipa, parquinho não muito longe daqui. Tem muita grama e no final, se você tira o chinelo lá, espeta. Eu já brinquei no parquinho com ele, antes de voltar para casa. [...] Eu brinco muito de pique pega.

Pesquisadora: E a sua avó, Bento? Também conta histórias? / Bento: Muitas. / Pesquisadora: Que histórias ela conta? / Bento: Obororó [personagem inventado pela avó]. / Pesquisadora: Ela inventa história ou conta de livro? / Bento: Ela inventa.

Bento: Eu gosto de brincar, tocar violão, tocar piano... Eu toco os dois. [...] Minha avó toca piano. / Pesquisadora: E você gosta de tocar com ela? / Bento: Sim. / Pesquisadora: Vocês tocam que música? / Bento: Qualquer uma.

Bento: Meu avô e eu também gostamos de lutar Jiu-jitsu na cama. Eu luto, sou faixa cinza. Meu avô é professor de educação física.

Fernando: Eu brinco de xadrez. Eu sempre perco porque ele [meu avô] é profissional.

Pablo: A gente passeia, a gente tira foto. / Pesquisadora: Vocês fotografam juntos? / Pablo: Sim. / Pesquisadora: Fotografam o quê? / Pablo: Qualquer coisa que seja legal para uma foto. [...] A vovó me fala: "Tira foto disso", e eu tiro. Teve uma vez que eu tirei foto de uma escada.

(Entrev. Coletiva, 05/12/2020)

Brincar constitui-se como uma atividade transgressora. Nas situações imaginárias, são assumidos papéis que não seriam possíveis na vida real. A criança imagina-se como mãe, super-herói, professora, motorista... E assim se apropria e cria cultura (VIGOTSKI, 2018). Ainda que seja a atividade principal da criança e fundamental para seu desenvolvimento, a brincadeira é também uma experiência dos adultos. Segundo Oliveira (1998), "as crianças puxam seus avós para brincar, olhando os mais velhos com igualdade" (n.p.). Pela recorrência e pelo entusiasmo com que as avós e os avôs da pesquisa narraram esses momentos, brincar com as/os netas/os revela-se como uma atividade significativa também para elas/eles:

Eu gosto muito de brincar de esconder. Eles passaram por uma fase que estava muito gozado, a gente se escondendo pela casa, um tinha que achar o outro, esconder coisas. Da última vez, a gente fez uma caça ao tesouro, e aí é brincar. Acho que são formas de brincar. [...] Eu faço isso: brincar de correr, pegar, esconder. É muito físico, eu prefiro essas brincadeiras mais físicas. (Carlos, Entrev. 28/10/2020)

Eu gosto muito de contar histórias [...], de fazer vozes, mudar. Eu sempre brinquei muito com eles e brinco até na escola mesmo: "Eu sou uma bruxa!" É que eu tenho um sinal mágico; eu tenho um sinal nas minhas costas e quando eu ligo esse sinal eu viro bruxa. Então eles antigamente tinham medo, corriam, porque eu dou uma

gargalhada muito característica de bruxa mesmo. Todo mundo quer que eu imite a bruxa, e as crianças adoram. (Marina, Entrev., 06/06/2020)

O Diego é uma criança muito imaginativa. Eu o incentivo a contar histórias para mim, porque eu conto histórias para ele, principalmente a avó – a avó conta histórias muito bem –, mas nós o incentivamos a contar histórias dele. Ele inventa umas histórias que não acabam nunca. É muito legal. (João, Entrev., 04/06/2020)

Brinco [com ele]. Ele brinca, ele vê televisão, vê os filmes que ele quer, os desenhos que ele quer, eu vejo desenho com ele, ele conversa. [...] Eu gosto do Gato de Botas. Eu gosto desse desenho. Também gosto do desenho da Mônica. (Elisa, Entrev., 17/12/2020)

Cantar, tocar instrumentos; contar, ouvir e criar histórias; jogar xadrez, lutar Jiu-jitsu; jogar bola, soltar pipa; fotografar... Para Kramer (2007, p. 16), “não é por acaso que, em diversas línguas, a palavra “brincar” – *spillen*, *to play*, *jouer* – possui o sentido de dançar, praticar esporte, representar em uma peça teatral, tocar um instrumento musical, brincar”. Brincar com o corpo, o som, a imagem... Essas experiências culturais implicam estado de presença, uma experiência outra com a temporalidade, que opera na intensidade da duração e não na sucessão dos minutos. Na casa de avó/avô, o tempo se manifesta como uma força infantil, transgressora. A casa, assim, configura-se como um espaço-tempo que se abre ao inesperado.

Considerações finais

As narrativas das avós, dos avôs e dos netos participantes apontam a casa das avós e dos avôs como espaço-tempo da infância, onde adultos e crianças tecem histórias, constroem vínculos e aprendem uns com os outros, principalmente, através da brincadeira. São observados vestígios do espaço no tempo e vestígios do tempo no espaço: o lugar de estar em liberdade, o tempo de se abrir para mudanças na casa, as possibilidades de transgressão, os objetos antigos e contemporâneos, a vida vivida em outra temporalidade. Passado, presente e futuro se fundem em encontros intergeracionais que, ao serem narrados, expressam valores e visões de mundo, sobre “como devemos viver” (INGOLD, 2019).

Nesse sentido, as histórias contadas podem inspirar a criação de cronotopos – em lares, instituições educativas, espaços culturais, na cidade etc. – nos quais as infâncias de crianças e adultos possam ser acolhidas e valorizadas. Com base em Bakhtin, elas anunciam outras possibilidades de viver, relacionar-se e estar no mundo. Como afirma DaMatta (1997, p. 62), “todos estão aqui para ‘brincar’. E brincar significa, literalmente, ‘colocar brincos’, isto é, unir-

se, suspender as fronteiras que individualizam e compartimentalizam grupos, categorias e pessoas”. Brinquemos juntos, crianças e adultos, de diferentes gerações.

Referências

AMORIM, M. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 95-114.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Intr. e trad. do russo Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, M. Formas de tempo e de cronotopo no romance (Ensaio de poética histórica). In: BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora Fornoni Bernardini et al. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2014. p. 211-348.

BENJAMIN, W. *Origem do drama barroco alemão*. Trad. Sérgio Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BENJAMIN, W. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. Trad. Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Ed. 34, 2002.

BORBA, Â. M. O brincar como um modo de ser e estar no mundo. In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade*. 2. ed. Brasília, DF: MEC; SEB, 2007. p. 33-46. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/ensifund9anobasefinal.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2022.

BROUGÈRE, G. A criança e a cultura lúdica. Trad. Ivone Mantoanelli. Rev. Tizuko Morchida Kishimoto. *Rev. Fac. Educ.*, São Paulo, v. 24, n. 2, jul./dez. 1998. Não paginado. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-25551998000200007>. Acesso em: 25 jul. 2022.

DAMATTA, R. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

INGOLD, T. *Antropologia e/ou educação*. Trad. Vitor Emanuel Santos Lima e Leonardo Rangel dos Reis. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

INGOLD, T. *Antropologia: para que serve?* Trad. Beatriz Silveira Castro Figueiras. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

KRAMER, S. A infância e sua singularidade. In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade*. 2. ed. Brasília, DF: MEC; SEB, 2007. p. 13-24. Disponível

em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/ensifund9anobasefinal.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2022.

LETRIA, J. J. *Avô, conta outra vez*. Ilustr. André Letria. São Paulo: Peirópolis, 2010.

LINS DE BARROS, M. *Autoridade & afeto: avós, filhos e netos na família brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

OLIVEIRA, P. S. de. Cultura e co-educação de gerações. *Psicol. USP*, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 261-295, 1998. Não paginado. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-65641998000200011>. Acesso em: 25 jul. 2022.

PORTO, C. L. *Álbum de retratos, infâncias entrecruzadas e cultura lúdica: memória e fotografia na Brinquedoteca Hapi*. 2010. 309 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.acad.35593>. Acesso em: 25 jul. 2022.

QUEIROZ, C. T. de. Cronotopias do lar: reflexões sobre crianças que se mudam. *Revista Veras*, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 263-273, jul./dez. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14212/veras.vol7.n2.ano2017.art312>. Acesso em: 25 jul. 2022.

RAMOS, A. C. *Meus avós e eu: as relações intergeracionais entre avós e netos na perspectiva das crianças*. 2011. 464f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/32306>. Acesso em: 25 jul. 2022.

RAMOS, A. C. Sobre avós, netos e cidades: entrelaçando relações intergeracionais e experiências urbanas na infância. *Educação & Sociedade*, Campinas, SP, v. 35, n. 128, p. 629-996, jul./set. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302014000300001>. Acesso em: 25 jul. 2022.

VIGOTSKI, L. S. *Imaginação e criação na infância*. Trad. Zoia Prestes e Elizabeth Tunes. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

ⁱ O artigo foi elaborado a partir de tese orientada pela Doutora Sonia Kramer. A pesquisa recebeu apoio financeiro do CNPq.

ⁱⁱ Todos os nomes são fictícios.

ⁱⁱⁱ Em sua tese, Ramos (2011) dedica um capítulo à perspectiva das crianças sobre a casa das avós e dos avôs. Além das percepções dos/as netos/as em relação ao caminho até a casa de suas avós e seus avôs, o espaço da casa é compreendido, a partir das construções das crianças, como um lugar do passado, de aventura, de brincadeira (a pesquisadora analisa cada cômodo e o entorno) e de encontro.

^{iv} *Nerf* é uma marca de brinquedos criada por Parkers Brothers, uma empresa de produtos infantis norte-americana. Fernando mostrou um brinquedo que parecia um lançador de dardos.

^v *Hot Wheels* é uma marca de carros de brinquedo norte-americana, que engloba modelos em miniatura feitos de metal.